

história, ecologia, economia e domesticação

μ
xtratix
spectos

Brasil

...anizações não governamentais, que o colocam como cerne da estratégia para a redução de emissões e queimadas, para a geração de emprego e renda e como modelo de desenvolvimento adequado para a região amazônica.

...um desafio promover o desenvolvimento sustentável de cadeias produtivas de produtos dispersos em pequenas comunidades, sem economia de escala, com falta de infraestrutura, baixa produtividade da terra e da mão de obra, perecibilidade e baixo valor dos produtos.

...ogramas sociais como Bolsa Família. A separação em produtos florestais madeireiros e não madeireiros como concepção traduz a falsa ilusão de sustentabilidade por definição.

...A sustentabilidade econômica versus sustentabilidade social e ambiental não é uma questão de escolha, mas uma questão de ordem de prioridade.

...nendera da taxa de extração sustentável, nem sempre a sustentabilidade biológica garante a sustentabilidade econômica.

...a diferença do ponto de vista econômico com relação a essa separação. A designação de produtos tradicionais, por si só, não é suficiente para garantir a sustentabilidade econômica.

odutos extrativos da **Amazônia**, considero os insetos, pe
s e a madeira. O sustento por extrair da floresta é a farinha de mandioca, a
resistência amazônica, como já ocor
o cupizeiro, o jambu, o guaranazeiro
para garantir a geração de re
garantir a preservação dos estoques de re
tropical, que foi a seringueira, efetuada
com a seringueira, a castan
o equivoco



Extrativismo histórico, ecologia, economia e domesticação Vegetal na Amazônia

Extrativismo histórico, ecologia, economia e domesticação vegetal na Amazônia. Os trabalhos resultantes de pesquisas nos 20 anos, que sofreram adaptação, tendo sido publicados nas séries da Revista Amazônia: Ciência e Desenvolvimento, Revista Ciência Hoje, Revista Estudos Avançados, Anais dos Encontros de Sociologia Rural (Sober), Encontros da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica (Ecoeco), Amazônia e seminários diversos. Apresentamos o livro que foi concebido no longo do tempo por meio de cursos, workshops, tecnologia Agropecuária para o Brasil (ProCotab) do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia do Estado do Pará, desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e o espaço do Brasil da Amazônia. A relação com o extrativismo vegetal pós-anos de Chico Mendes (1988-1983), envolvendo as políticas de Reducing Emissions from Deforestation and Forest Degradation (REDD), dos programas federais e estaduais do governo brasileiro. Organizações não governamentais, que o colocam como cerne da estratégia para a redução de impactos e queimadas, para a geração de emprego e renda e como modelo de desenvolvimento adequado para a região amazônica. Um desafio: promover o desenvolvimento de cadeias produtivas de produtos dispersos em pequenas propriedades, sem economia de escala, com falta de infraestrutura, baixa produtividade da terra e da mão de obra, perecibilidade e baixo valor dos programas sociais como Bolsa Família. A separação em produtos florestais madeireiros e não madeireiros como concepção traduz a falsa ilusão de sustentáveis por definição. A sustentabilidade econômica versus a sustentabilidade da taxa de extração: nem sempre a sustentabilidade biológica garante a sustentabilidade econômica com relação a essa separação. A designação de produtos tradicionais, por si só, não é suficiente para garantir a geração de renda e a preservação dos estoques reprodutivos, que foi a seringueira, efetuada com a seringueira, a castanha e o açaí. O equívoco.

Alfredo Kingo Oyama Homma
Editor Técnico

Cap. 21

Alfredo Kingo Oyama Homma
José Edmar Urano de Carvalho
Antônio José Elias Amorim de Menezes

Crendices e verdades sobre práticas adotadas por agricultores extrativistas em bacurizais nativos na Amazônia¹

Introdução

O bacurizeiro (*Platonia insignis* Mart.) é uma espécie arbórea de porte médio a grande, com aproveitamento frutífero, madeireiro e energético, com centro de origem na Amazônia Oriental Brasileira. Ocorre espontaneamente, em todos os estados da região Norte e no Mato Grosso, Maranhão e Piauí. A área de maior concentração do bacurizeiro é o estuário do Rio Amazonas, com ocorrência mais acentuada na microrregião do Salgado, na Ilha do Marajó e em alguns municípios da microrregião Bragantina (CAVALCANTE, 2010).

O bacurizeiro é uma das poucas espécies arbóreas amazônicas de grande porte que apresenta estratégias de reprodução por sementes e por brotações oriundas de raízes. Atualmente, a totalidade da produção de frutos é de origem extrativa de árvores oriundas de brotações que conseguiram escapar da extração madeireira e da expansão de áreas urbanas de cidades situadas no litoral do Pará e Maranhão, nos últimos quatro séculos. No passado, o bacurizeiro foi mais importante como espécie madeireira que como planta frutífera. Sua madeira resistente e de coloração bege-amarelada foi muito utilizada na construção de embarcações e de casas, o que ainda se verifica em muitas áreas de ocorrência natural.

Com a valorização dos frutos do bacurizeiro, sobretudo nos últimos 10 anos, muitos produtores das mesorregiões do Nordeste Paraense e da Ilha do Marajó passaram a preservar as plantas existentes nas proximidades de suas casas ou roçados, adotando práticas de manejo com grande heterogeneidade ou efetuando plantios e até enxertia.

A notável capacidade de reprodução do bacurizeiro por brotações oriundas de raízes pode determinar que em uma área de 1 ha, por exemplo, todos eles sejam oriundos de uma mesma planta-mãe. Nessa situação, os bacurizeiros são de um só clone, não havendo variabilidade

¹ Versão ampliada do trabalho Menezes et al. (2008).

genética. Como o bacurizeiro é uma planta de fecundação cruzada, polinizada pelos pássaros, a reprodução está relacionada ao cruzamento entre plantas de diferentes agrupamentos. Isto é decorrente do fato de que o bacurizeiro, a exemplo de outras espécies arbóreas amazônicas, como o cupuaçuzeiro e a castanheira-do-brasil, apresenta mecanismo de autoincompatibilidade genética, ou seja, não há conversão de flores em frutos quando a fonte de pólen é do mesmo genótipo da flor receptora.

Este trabalho procura discriminar as crendices entre algumas práticas adotadas no manejo de bacurizeiros nativos pelos agricultores extrativistas das mesorregiões do Nordeste Paraense e da Ilha do Marajó. Neste levantamento foram identificadas diversas crendices, mitos e lendas sobre o bacurizeiro, constituindo em um conjunto de práticas não convencionais com o objetivo de aumentar a produção e induzir as árvores que produzem poucos frutos.

A irregularidade dos bacurizeiros alternando anos de alta e baixa frutificação e da existência de árvores que não frutificam constitui a razão da adoção dessas práticas não convencionais. Como o sucesso do manejo depende da variação genética existente entre as plantas, daí a razão de muitos bacurizeiros apresentarem grande desenvolvimento e floração, sem se transformarem em frutos. Assim, a solução dos agricultores se traduziu na adoção de diversas crendices. Os pesquisadores recomendam a prática da enxertia ou o plantio de bacurizeiros para aumentar a variabilidade genética, viabilizando a fecundação.

O aproveitamento dos rebrotamentos de bacurizeiros e o desenvolvimento de plantios racionais constituem solução local para resolver um problema ambiental global, além de gerar renda e emprego.

Revisão de literatura

Pereira (2001) afirma que é comum a confusão entre o que é mito e o que é lenda. Apesar da similitude, ele procura estabelecer a fronteira entre lenda e mito. Lenda consiste em uma narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, no qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética. O mito constitui uma narrativa dos tempos fabulosos ou heroicos, com significação simbólica, geralmente ligada à cosmogonia e referente a deuses encarnados das forças da natureza e ou de aspectos da condição humana. Constitui também a representação dos fatos ou personagens reais, exagerada pela imaginação popular, pela tradição.

Jabouille (1986) classifica os mitos como de natureza teológica (relata o nascimento dos deuses, os seus matrimônios e genealogias), cosmológica (debruça-se sobre a criação e o ordenamento do mundo

e seus elementos construtivos), antropogônica (apresenta a criação do homem), antropológica (prolonga o anterior, descrevendo as características e desenvolvimento do gênero humano), soteriológica (apresenta o universo de iniciação e dos mistérios, das catábases e percursos purificatórios), cultural (narra as atividades de heróis que, tal como Prometeu, melhoram as condições do homem), etiológica (explica a origem de pessoas e coisas, pesquisa as causas por que se formou uma tradição, procurando em especial encontrar episódios que justifiquem normas), naturalista (justifica, miticamente, os fenômenos naturais, telúricos, astrais, atmosféricos), moral (relata as lutas entre o Bem e o Mal, entre anjos e demônios, entre forças e elementos contrários) e escatológica (descreve o futuro, o homem após a morte, o fim do mundo).

Luís da Câmara Cascudo (LENDA, 1972) acredita ter encontrado o elemento de distinção entre lenda e mito no fator tempo-espço. No seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, o verbete lenda traz a seguinte definição:

Episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo [...]. Conserva as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato, oralidade [...]. Muito confundido com o mito, dele se distingue pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lenda, gravitando ao redor de um termo central com área geográfica mais ampla e sem exigência de fixação no tempo e no espaço.

Já crendice refere-se à crença popular sem fundamento, geralmente descreve presságios e precauções popularmente associados à sorte e ao azar (JORGE; MEIRELLES, 2005). Entre as crendices populares, acredita-se que dá azar passar debaixo de uma escada, quebrar um espelho ou cruzar com um gato preto na rua. Muita gente também teme as sextas-feiras que caem no dia 13, em especial quando se trata do mês de agosto – que é “mês de desgosto” ou “mês de cachorro louco”. O *Dicionário Houaiss* define crendice como a

crença ou noção sem base na razão ou no conhecimento, que leva a criar falsas obrigações, a temer coisas inócuas, a depositar confiança em coisas absurdas, sem nenhuma relação racional entre os fatos e as supostas causas a eles associados (HOUAISS, 2009).

Ou seja, é acreditar em fatos ou relações sobrenaturais, fantásticas ou extraordinárias e que também não encontram apoio nas religiões ou no pensamento religioso.

Existem diversas lendas, mitos e crendices sobre o bacurizeiro (*Platonia insignis* Mart.). Como as lendas indígenas, todas apresentam um tronco comum de enredo e da inexistência de referências escritas, pode-se aventar que muitas podem ter sido elaboradas posteriormente, para dar sentido sobrenatural ou místico.

O bacuri era uma fruta que os índios não comiam. Um dia, o Senhor da Floresta baixou numa clareira na floresta e colocou ao seu lado um imenso cesto. Chamou os índios das proximidades e mandou que eles apanhassem um fruto amarelo, com pouca polpa e muito caroço, e deu o nome de bacuri. Antes de os índios colocarem no cesto os frutos, passaram a quebrá-los e a comer. Ficaram maravilhados. Comeram tudo. Não foi nenhum para o cesto. O Senhor da Floresta se irritou de tal forma que subiu na primeira árvore e foi morar no Céu, na Lua. Hoje, as manchas que se veem na Lua é ele comendo bacuri e os índios só comem bacuri de costas para a Lua para não verem o Senhor da Floresta, com vergonha (...).²

Nas áreas de extrativismo de bacuri na Amazônia Brasileira ocorrem diversas crendices, em particular nas mesorregiões do Nordeste Paraense e da Ilha do Marajó. São práticas empíricas, com o objetivo de favorecer a produção de frutos, que o imaginário popular criou ao longo dos tempos, não consubstanciadas no conhecimento científico e nem na razão, consequentemente sem relação lógica entre os efeitos e as causas, e que, mesmo assim, vêm sendo transmitidas de geração a geração. Essas crendices são acompanhadas de outras práticas concretas utilizadas por agricultores extrativistas para favorecer a produção de bacuri, sendo as mais comuns: a roçagem do mato e o desbaste de bacurizeiros oriundos de brotações de raízes, para diminuir as competições interespecíficas e intraespecíficas e para facilitar a coleta dos frutos; a poda do ápice da planta, para deter o crescimento em altura e formar copa com maior envergadura (MATOS, 2008).

Material e métodos

Neste estudo utilizou-se uma amostra intencional, com base na informação da existência de agricultores familiares que efetuavam a coleta de bacuri em suas propriedades. Foram entrevistados 56 agricultores da mesorregião do Nordeste Paraense e 52 da mesorregião da Ilha do Marajó e com lideranças comunitárias, durante o período 2004–2009. Procurou-se entrevistar aqueles agricultores que estivessem efetuando o manejo e que possuísssem árvores produtivas na floresta primária, da regeneração da vegetação secundária, de áreas manejadas e de plantios. Sempre que possível, procurou-se coletar informações com pessoas-chave em diversas comunidades, para conhecer o histórico do bacuri naquela localidade, sua comercialização e os problemas existentes.

A escolha das mesorregiões do Nordeste Paraense e da Ilha do Marajó como área de estudo decorreu da informação corrente de que são áreas produtoras que respondem pela maior oferta dessa fruta. Conforme Cavalcante (2010), a área de maior concentração do bacurizeiro é

² Informação pessoal fornecida pelo Cel. João Bosco Camurça ao pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental Alfredo Kingo Oyama Homma, em 15.11.05.

o estuário do Rio Amazonas, com ocorrência mais acentuada na microrregião do Salgado, na Ilha de Marajó e em alguns municípios da microrregião Bragantina. As microrregiões abrangidas foram Bragantina, Cametá, Guamá, Salgado, Arari e Furo de Breves (Tabela 1 e Figuras 1 e 2).

Tabela 1. Amostra de agricultores entrevistados nas safras de 2005–2007, nas mesorregiões do Nordeste Paraense e da Ilha do Marajó.

Mesorregião	Microrregião	Município	Produtores entrevistados	%
Nordeste Paraense	Bragança	Augusto Corrêa	7	6,48
		Bragança	1	0,92
	Cametá	Cametá	1	0,92
		Igarapé-Miri	3	2,77
		Limoeiro do Ajuru	1	0,92
		Oeiras do Pará	1	0,92
	Guamá	Viseu	4	3,70
	Salgado	Curuçá	20	18,51
		Maracanã	2	1,85
		Marapanim	22	20,45
Marajó	Arari	Cachoeira do Arari	5	4,62
		Arari	7	6,48
		Salvaterra	30	28,00
		Soure	3	2,77
	Furo de Breves	São Sebastião da Boa Vista	1	0,92
Total			108	100,00

Fonte: Matos (2008).

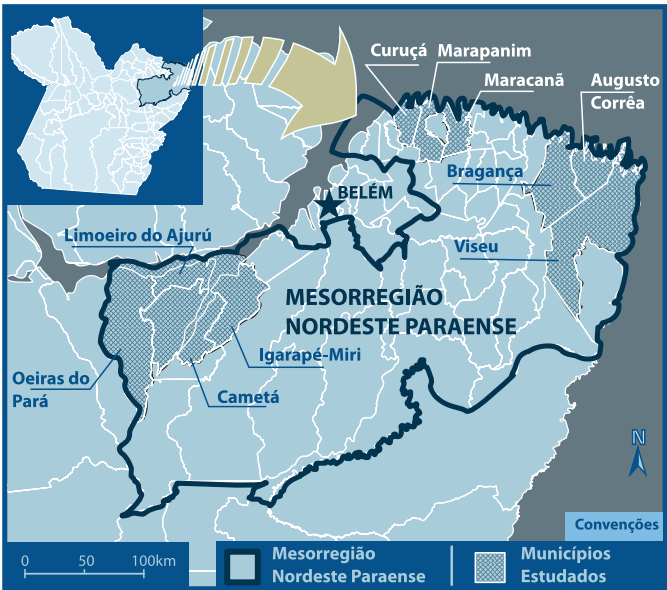


Figura 1. Mesorregião do Nordeste Paraense, com a localização dos municípios estudados.

Figura 2. Mesorregião da Ilha do Marajó, com a localização dos municípios estudados.



Resultados e discussão

Uma das práticas mais comuns adotadas consiste em provocar ferimentos na casca dos bacurizeiros ou mesmo efetuar o anelamento do tronco para aumentar a produção de frutos ou para fazer com que os “bacurizeiros vadios” que não produzem frutos, não obstante apresentarem floração abundante, passem a produzi-los (Tabela 2). Enfiar um prego no tronco de bacurizeiros para estimular a produção de frutos também se constitui em prática bastante comum nos bacurizais nativos das mesorregiões Nordeste Paraense e Ilha do Marajó.

Tabela 2. Práticas adotadas para induzir a frutificação dos bacurizeiros nas mesorregiões do Nordeste Paraense e da Ilha do Marajó, Pará.

Tipos de práticas	Nordeste Paraense		Marajó	
	Número	%	Número	%
Corte na árvore	6	10,72	4	7,72
Corte na árvore/adubação orgânica	0	0	2	3,84
Coloca prego	4	7,17	4	7,72
Coloca prego/descasca tronco	1	1,78	2	3,84
Corte na árvore e coloca prego	1	1,78	2	3,84
Coloca prego e adubação mineral	0	0	2	3,84
Coloca prego e pendura garrafa com água	0	0	1	1,92
Descasca o tronco da árvore	0	0	1	1,92

Continua...

Tabela 2. Continuação.

Tipos de práticas	Nordeste Paraense		Marajó	
	Número	%	Número	%
Faz fogo para fazer fumaça	0	0	1	1,92
Faz poda	1	1,78	2	3,84
Não faz nada	40	71,42	26	50,00
Total	56	100,00	52	100,00

O corte da casca é efetuado geralmente com um facão, porém de diferentes maneiras. Um dos procedimentos adotados consiste em fazer dois pequenos sulcos paralelos na casca, em todo o perímetro do tronco, sem atingir, porém, o lenho (Figura 3). Os sulcos são geralmente efetuados na altura do peito, ou seja, aproximadamente a 1,3 m da base da planta. Outra forma de provocar lesões envolve simplesmente a raspagem da casca em uma extensão de cerca de 15 cm de largura em todo o perímetro do tronco. Nos limites inferiores e superiores da porção raspada são aplicados golpes com um facão, os quais atingem o lenho, não se caracterizando, porém, como incisão anelar, pois não envolve todo o perímetro do tronco. A crendice popular indica que essas práticas só são eficientes quando efetuadas em dias de lua cheia.

Foto: Grimoaldo Bandeira de Matos.



Figura 3. Abertura de sulcos na casca de bacurizeiro.

Efetivamente, não existem comprovações científicas que justifiquem a utilização de lesões pouco profundas na casca para aumentar a produção de frutos ou para induzir o início de produção de frutos de bacurizeiros. Lesões no tronco de plantas frutíferas para estimular a floração ou melhorar a fixação e o tamanho de frutos implicam remoção tanto da epiderme como das capas subepidérmicas e do floema, pois dessa forma ocorre acúmulo de carboidratos e de fito-hormônios, acima da região lesionada (SALISBURY; ROSS, 1996). No

caso específico do bacurizeiro, não existem estudos que comprovem a eficácia dessas práticas, desconhecendo-se mesmo se a cicatrização ocorre eficientemente. Ferimentos no tronco ou em qualquer parte da planta provocam exsudação de resina, o que atrai abelhas do táxon *Trigona*, que vão em busca dessa substância para construção de seus ninhos. Dependendo da extensão do ferimento, essas abelhas podem provocar lesões mais profundas, dificultando a cicatrização dos tecidos. Ressalte-se que alguns agricultores relataram que quando os cortes são muito profundos ocorre o aborto total de flores.

O aborto total de flores não pode ser atribuído exclusivamente a essa prática haja vista que em alguns anos isso ocorre independente de se provocar ou não o anelamento ou qualquer outro tipo de lesão na casca do tronco. O aborto total de flores no bacurizeiro pode estar associado aos seguintes fatores: déficits hídricos acentuados durante a floração, o que é comum nos anos de ocorrência do fenômeno “El Niño”; falta de polinização, haja vista que a espécie é essencialmente alógama por exibir mecanismo de autoincompatibilidade genética e o transporte de pólen é efetuado por agentes bióticos (MAUÉS; VENTURIERI, 1996); ou, ainda, pelo fato de a espécie apresentar ciclicidade de produção, ou seja, anos de alta produção de frutos são sucedidos por um ou mais anos sem produção ou com reduzida carga de frutos. Assim sendo, nos anos de baixa produção é frequente o aborto total de flores de algumas plantas.

A prática de enfiar um prego no tronco também não pode ser considerada eficiente para estimular a produção de frutos (Figura 4). É relativamente comum em outras regiões do Brasil, sendo utilizada somente em pomares domésticos e quase sempre em espécies frutíferas que apresentam problemas de baixo vingamento de frutos. Conquanto se especule que o prego ao sofrer oxidação poderia liberar ferro para a planta e o ferimento provocado induzir a produção de etileno (SILVA, 2012), há de se admitir que, no caso específico do bacurizeiro, uma árvore de porte médio a grande, a quantidade de ferro liberada pelo prego e de etileno produzido são insignificantes para provocar respostas fisiológicas que favoreçam a produção de frutos.

Figura 4. Colocação de prego no tronco para aumentar a produção de frutos.



Foto: Grimoaldo Bandeira de Matos.

No Município de Salvaterra, Pará, alguns “catadores” de bacuri, no início da safra, sobem nos bacurizeiros e agitam os ramos com as mãos para provocar a queda de frutos. Posteriormente, cavam um buraco no solo e colocam os frutos, os quais são protegidos por camadas de folhas nas superfícies inferior e superior do buraco. Antes de recobrir os frutos com terra, adicionam um pouco de carbureto para que os frutos completem a maturação. Esse procedimento não está correto, haja vista que o ato de balançar os ramos provoca o desprendimento de grandes quantidades de frutos que não estão maduros e, consequentemente, não completarão a maturação, pois o bacuri é um fruto não climatérico (TEIXEIRA, 2000). O carbureto provoca apenas o desverdecimento parcial dos frutos. Na verdade, essa prática se constitui numa forma de ludibriar os consumidores com a comercialização de frutos não maduros no início da safra. Conquanto a prática de enterrar frutos imaturos seja comum em outras localidades, a utilização do carbureto foi verificada somente no Município de Salvaterra, que é um dos municípios produtores de abacaxi, sendo o carbureto utilizado nessa cultura para a indução floral. No Município de Carutapera, no Estado do Maranhão, na fronteira com o Município de Viseu, onde foram realizadas entrevistas em duas visitas de campo, foi identificada a prática de jogar água quente no fruto de bacuri verde para soltar a polpa.

O exotismo de algumas práticas envolve pendurar uma calcinha ou amarrar o cós de uma calça (Figura 5), prática adotada na Resex São João dos Pilatos, ou um rosário confeccionado com conchas de caramujo e colocar ao redor do pé de bacurizeiro, esta na Comunidade Cajueiro, Ilha de Santa Rosa, ambos no Município de Ananindeua, para favorecer a frutificação. Segundo a crendice popular, a indução da produção de frutos também pode ser obtida pendurando-se uma garrafa com água no tronco da planta. O objeto colocado nos bacurizeiros quase sempre varia de local para local.

Foto: Grimaldo Bandeira de Matos.



Figura 5. Cós de calça afixado ao tronco de um bacurizeiro para estimular a produção de frutos.

A crendice que determinados objetos pendurados nos bacurizeiros favorecem a produção de frutos tem sua origem na casualidade. Alguém, momentaneamente, colocou um desses objetos em um bacurizeiro que estava em ano de baixa produção de frutos e, por esquecimento, não o retirou. No ano seguinte, o bacurizeiro produziu muitos frutos, havendo então a associação entre o objeto pendurado na árvore e a boa produção, o que na verdade se constitui em mera coincidência.

Outra crendice está relacionada a procedimentos para forçar os bacurizeiros a desprender grandes quantidades de frutos maduros em um só dia, o que facilita sobremaneira a coleta. A colheita normal é efetuada gradualmente à medida que os frutos vão caindo. Segundo agricultores extrativistas do Município de Viseu, se for aplicada uma surra com cipó-de-tracuá (*Philodendron megalophyllum*) (Figura 6) no bacurizeiro, no dia seguinte ocorre a abscisão de muitos frutos. Depois de o bacurizeiro ser impiedosamente surrado, o cipó deve ser amarrado em seu tronco, a uma distância da base equivalente à altura do peito da pessoa que surrou o bacurizeiro.

Figura 6. Cipó-de-tracuá usado para surrar bacurizeiros.



Foto: Grimoaldo Bandeira de Matos.

O grande problema da utilização dessa prática, segundo a crendice local, é que o “bacurizeiro fica com raiva” e, em represália, desprende tanto os frutos maduros como os semimaduros e, até mesmo, os verdes. O desprendimento de frutos imaturos seria, no caso, um castigo dos deuses, por não ser uma prática recomendável surrar os bacurizeiros. Do mesmo modo que as anteriores, o acaso explica a origem dessa crendice. Alguém ao passar por um bacurizeiro carregado de frutos, por um motivo qualquer, retirou um cipó e bateu no bacurizeiro, amarrando-o, posteriormente, no tronco da planta. A ocorrência de ventos fortes no dia seguinte provocou a queda de grandes quantidades

de frutos, inclusive de frutos imaturos e verdes, havendo a partir de então a associação entre a queda dos frutos e a surra com o cipó-de-tracuá. A especificidade para esse cipó deve-se ao fato de que ele é muito comum nas áreas de ocorrência natural do bacurizeiro.

A mais esdrúxula das crendices é concernente à necessidade de relação sexual com os bacurizeiros, que é sempre entendido como sendo a fêmea, especialmente daqueles que em safras anteriores eram produtivos e que passaram a produzir poucos frutos. A utilização dessa prática foi verificada na Comunidade Tauari, no Município de Augusto Corrêa, e na Comunidade Cajueiro, Ilha de Santa Rosa, no Município de Ananindeua, Pará. Embora com ligeiras modificações, a crendice admite que se houver a simulação de ato sexual com o bacurizeiro a produção será abundante. O órgão sexual masculino é representado por algum objeto que lembre o falo. No caso da última comunidade, é utilizada uma mão-de-pilão e durante a simulação do ato sexual a pessoa deve repetir diversas vezes a expressão “segura teu fruto”. O vingamento de frutos só ocorre se o “ato sexual” for praticado durante a fase de lua nova.

Na comunidade de Jagarajó, Município de Ponta de Pedras, existe a prática de jogar areia ou cinza em volta dos bacurizeiros durante a fase de lua cheia. Obviamente, a areia não possui propriedades que possam interferir na produtividade dos bacurizeiros. Essa assertiva é baseada no fato de que o bacurizeiro ocorre predominantemente em Neossolos Quartzarênicos e em Latossolos Amarelos, que são solos com boas propriedades físicas e de baixa fertilidade natural. A adição de cinzas, por sua vez, constitui-se em prática que pode contribuir para o aumento de produção, haja vista que esse material comprovadamente melhora a fertilidade do solo, por conter macro e micronutrientes essenciais às plantas.

Outra novidade foi constatada no Município de Augusto Corrêa com o corte com facão no tronco das árvores quando vai passando, que inclui os troncos de bacurizeiros. Outra foi a simpatia de juntar as folhas dos bacurizeiros, tocar fogo e jogar areia para simbolizar a quantidade de frutas, por ocasião da lua cheia, em qualquer mês, válida também para outras fruteiras. Na comunidade de Araticum-Miri, no Município de Marapanim, o Sr. Elder Jacob de Aguiar menciona a prática de esfregar ova de peixe bagre no tronco de bacurizeiros para produzir frutos.

Outros comentários e depoimentos colhidos afirmam que os bacurizeiros não gostam de barulho, daí o fato de que quando estabelecidos em quintais não frutificam, apesar de apresentarem floração abundante. Pode-se especular certo sentido nessa crendice pois, segundo Maués e Venturieri (1996), o bacurizeiro é polinizado por psitacídeos. Assim sendo, o barulho poderia afugentar os pássaros, não propiciando, portanto, a polinização. Paradoxalmente, muitos agricultores extrativistas consideram os psitacídeos unicamente como

predadores das flores, chegando a fazer uso de fogos de artifícios para afugentá-los, pois associam a presença maciça desses pássaros durante a floração dos bacurizeiros, à baixa produção de frutos. Convém ressaltar que não há consenso entre os pesquisadores no que concerne aos agentes polinizadores do bacurizeiro. Mabberley (1997), por exemplo, quando cita os psitacídeos como agentes de polinização da espécie, coloca um sinal de interrogação, indicando que a questão não está devidamente elucidada.

Conclusões

A adoção de práticas não comprovadas, conquanto a sua riqueza cultural, identifica o vácuo de informações técnicas, indicando a necessidade de ampliar a fronteira de conhecimento científico e tecnológico sobre essa planta, que está passando da fase do extrativismo para o manejo e dos primeiros plantios racionais.

Este artigo procura realçar a importância de conhecer as práticas adotadas pelos agricultores tradicionais, suas razões e crenças, para promover a mudança tecnológica. Alerta quanto à facilidade de criar falsas lendas e crendices, bastando ter um conhecimento sobre alguns termos indígenas das localidades, um enredo rudimentar envolvendo o cacique, o guerreiro, o pajé e a índia. O interesse pelos produtos da Amazônia, sobretudo quando associado ao lado místico, está sendo utilizado como atrativo mercadológico.

Realça a importância de documentar essas lendas e crendices que caminham para o desaparecimento. O fato de o saber indígena ter sido preservado somente por meio da transmissão oral reforça essa assertiva. Muitas crendices atribuídas ao saber indígena parecem ter origem mais recente, como a de pendurar garrafas plásticas, cós de calça ou calcinha, fincar prego e aplicar golpes com terçados, pelo fato de esses materiais serem de origem contemporânea. Isso significa que novas crendices podem estar sendo criadas. O mesmo ocorre com as plantas medicinais utilizadas pelos indígenas e comunidades tradicionais, que são acrescidas com efeitos curativos para enfermidades totalmente desconhecidas no passado.